

1a. PARTE — ESTUDOS

O RIACHO JACARECANGA

Florival Seraine

O pequeno curso d'água, objeto de sensacionais reportagens em alguns órgãos da imprensa local, jamais ofereceu aos transeuntes o lamentável aspecto de decomposição e imundície, que ora apresenta, nem tampouco se constituiu, para os habitantes ribeirinhos, em foco de poluição atmosférica e de insetos nocivos à saúde coletiva, como ocorre atualmente e o noticiário jornalístico veio, em boa hora, denunciar às autoridades competentes.

Uma pesquisa histórica nos revela que o riacho Jacarecanga tem sido registrado em documentos antigos, figurando mesmo em cartas da velha Fortaleza, bem assim, por diversas vezes, no passado, ocupou a atenção dos nossos homens de letras.

Em sua obra "Ceará — Homens e Factos", João Brígido, tratando da Fortaleza de inícios do século XIX, observa: "Força foi, portanto, ver preferida a região ao ocidente do **Pajeú**, e com empenho tal, que não há dúvida que, em 80 anos, este bairro da cidade tinha como divisa de um lado o ribeiro indicado, de outro o **Jacarecanga**". (p. 204).

Ressalta dessas palavras o significado que a aludida corrente adquiriu com relação à nossa topografia urbana, servindo como ponto de referência para a delimitação do crescimento demográfico de Fortaleza, o qual se efetuou no século passado e primeiros decênios da presente centúria, a partir do riacho Pajeú em direção ao Oeste. Nessa área vieram instalar-se os estabelecimentos comerciais e, até não há muitos anos, residiam os principais núcleos familiares desta cidade.

Que deveria ser um córrego de águas cristalinas e saudáveis é o que se poderá deduzir de outros elementos documentais, entre eles as observações acerca do vocábulo Jacarecanga, contidas no valioso trabalho da autoria de Paulo Nogueira — **Vocabulário Indígena em Uso na Província do Ceará** (“Revista trimensal do Instituto do Ceará” — 4.º trimestre de 1897). Eis o que se encontra no aludido estudo — “Jacarecanga: morro no litoral e riacho no subúrbio da capital, conhecido e apreciado pela excelência de suas águas (vide **Tipuhu**). Etim: cabeça de **jacaré**, de jacaré, e **acanga cabeça** — J. de Alencar, **Iracema** cit, pág. 187 e Martius cit, p. 507. Outros querem que lhe viesse o nome da conformação do morro à maneira da cabeça do jacaré, visto do mar”. (p. 311). No verbete de Tipuhu (ob. cit, p. 419), deparamos com as seguintes expressões: “Dizia-se muito que devia viver feliz quem possuísse estas cinco coisas: **tainhas do Cocó, farinha do Tipuhu, água de Jacarecanga, cunhãs da Parangaba e laranjas do Jereau**.”

O autor de Iracema, livro cuja 1ª edição é de 1865, aí escreve: “Diante da cabana se elevava à borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça de um crocodilo o chamavam de pescadores Jacarecanga. Do seio das brancas areias escaldadas pelo ardente sol, manava uma água fresca e pura...” (ed. da Imprensa Universitária do Ceará — 1965 — p. 166).

Averbação mais recente do topônimo se acha no “Dicionário Geographico Histórico e Descriptivo do Estado do Ceará”, cuja 2ª edição é de 1939. É autor da obra o Desembargador Álvaro Gurgel de Alencar, que considera o termo designação de um “ribeiro de Fortaleza; belo e salubre bairro da Capital, onde se vêem bonitas chácaras” (p. 201).

Reduzida, neste início de estiagem, a um lamaçal fétido e asqueroso, particularmente sob a ponte que atravessa a avenida Francisco Sá e em suas imediações, por ocasião da fase invernosu arrasta no seu leito dejectos e detritos de origem animal, advindos das indústrias próximas, os quais, ao se decomporem, ocasionam a podridão reinante em toda a zona.

Além do aspecto da **poluição ambiente**, inexplicável em local vizinho à Secretaria de Saúde do município e mais duas

outras repartições congêneres; além dessa grave infração ao Código Sanitário do País, a qual — como ninguém ignora — é passível de motivar sérias penalidades aos seus responsáveis, está a merecer a atenção imediata e eficiente do Sr. Prefeito Municipal o **aspecto paisagístico** desse trecho, situado quase no centro da nossa progressista metrópole.

O riacho Jacarecanga não é um riacho qualquer, sem tradição e fora do perímetro urbano, em condições de ser relegado ao abandono e ao desprezo das autoridades, às quais cabe zelar pela higiene e a estética cidadinas.

Nesta fase que atravessamos de grandes realizações urbanísticas, em que a população de Fortaleza já começa a receber da Edilidade o acatamento e o interesse pelo seu bem-estar físico e psíquico, a solução do problema do riacho Jacarecanga, visando especialmente à parte mais habitada das suas margens, a que corresponde às ruas pertencentes ao bairro do mesmo nome, requer providências diretas e eficazes, em nome do progresso e dos avanços mesmos da civilização.